

"Tarifa Trump" 50% sobre todas exportações brasileiras para os USA

Crédito & Economia

Edição #6

11 de julho de 2025

O anúncio de Trump sobre a taxação de 50% sobre produtos brasileiros gerou incertezas quanto aos efeitos sobre câmbio, exportações, inflação e crescimento econômico. Mas o principal impacto não é macroeconômico (pelo menos não no curto prazo); efetivamente é severo para setores exportadores e/ou empresas individuais.

Segundo dados do MIDC, as exportações BR-USA são 12,1% do total e 2% do PIB brasileiro. O Brasil exporta petróleo, café, suco de laranja, carne, produtos siderúrgicos, aviões entre outros. E importa dos USA insumos como petróleo refinado, peças para aviação, insumos químicos, farmacêuticos, fertilizantes entre outros.

As tarifas devem impactar substancialmente empresas de siderurgia, aeronáutica e indústria automotiva. Essas grandes empresas tem lastro de capital, fluxo de caixa mais robusto e melhor "score de crédito" para obter recursos para bancar "gaps financeiros" dos descasamento entre vendas, estoques e passivo financeiro. Portanto, tem capacidade e estrutura empresarial capaz de buscar soluções alternativas no curto para o médio prazo.

Contudo, as empresas de menor porte e produto(s) mais concentrado(s) em exportação para os USA e/ou produtos agropecuários "perecíveis" tendem a sofrer impacto imediato pelo preço de venda adicional da tarifa ou desistência de compra e cancelamento de contratos. Com reflexos negativos para fornecedores locais e mão de obra de produção.

Em termos de mercado financeiro, no curto prazo, espera-se alta do dólar e queda no valor de mercado das empresas que vendem manufaturados para os EUA. A valorização do dólar pode pressionar os preços, mas o aumento da oferta de commodities pode ajudar a reduzir os preços internos. O crescimento econômico também pode ser impactado pela queda nas exportações de forma parcial. Com a Selic em 15% a.a. o Brasil continua atrativo para capitais externos, e reservas elevadas podem mitigar disfunções no câmbio.



Crédito & Economia: Nicola Tingas e Beatriz Saleh